

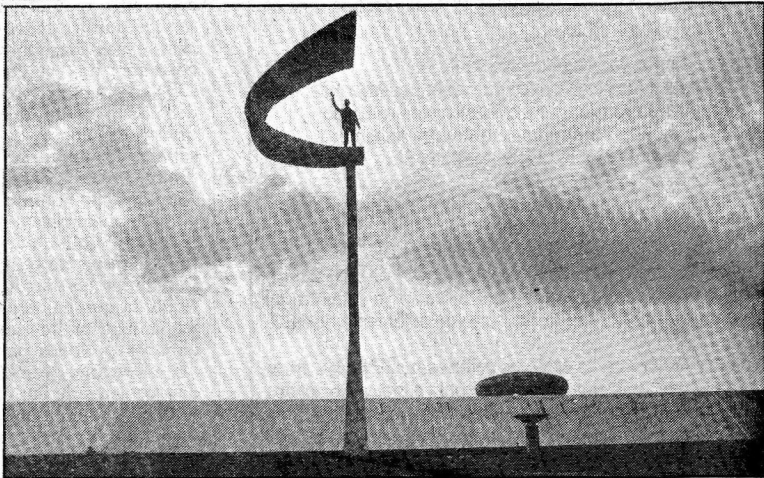
# Memorial JK escapa ao desinteresse

ARQUIVO

“O Museu é uma fonte rica de conhecimentos. Não é mais uma casa onde se guarda velharias. É, principalmente, o lugar da história de uma época”. Nas palavras de Affonso Heliodoro dos Santos, secretário-geral do Memorial JK, há uma reflexão de como se deve administrar um museu. Com o patrocínio de cursos, simpósios, conferências, exposições de arte, ele tem conseguido manter o Memorial sem o auxílio do Governo ou entidades privadas.

A frequência média de 400 pessoas por dia — somente no ano passado mais de 135 mil pessoas visitaram o Memorial JK — sustenta o monumento, que abriga a história do presidente Juscelino. Os NCz\$ 10,00 cobrados pela entrada e a receita proveniente da venda de livros e da lanchonete constituem o único recurso para a manutenção do museu.

Nos momentos de reflexão sobre as dificuldades de fechar as contas do Memorial, Heliodoro gosta de se reportar aos mínimos detalhes, usando comparações práticas. Em uma delas, fala que “manter o monumento sem uma receita fixa, tendo no número de visitantes diários a única garantia de dinheiro, é como administrar uma empresa com um orçamento de 24 horas”.



*A maior parte das pessoas que visitam o Memorial JK é de turistas*

A admiração por Juscelino Kubitschek, de quem foi amigo de estrita convivência, mostra-se mais forte do que os obstáculos. Na concepção de Heliodoro, “o mito JK” extravasa os limites e consegue, “ele mesmo, manter o Memorial”. São visitantes de todo o mundo que procuram no monumento um pouco da vida do presidente mais conhecido do Brasil.

“Visitar o Memorial é penetrar no túnel do tempo e reviver os períodos mais fecundos da nossa história, porque nessa história estão incluídas a vida e a obra do presidente Juscelino”. Diz Heliodoro, definindo a razão da preferência dos visitantes de outros estados e países pe-

lo museu de JK.

E quando fala em “visitantes de fora”, ele revela uma avaliação de oito anos de experiência própria e acompanhamento dos frequentadores. “O brasileiro é como o carioca. Lá no Rio de Janeiro eles não visitam o Pão de Açúcar. Eu mesmo morei 20 anos na cidade e nunca fui ao local”.

Uma rápida enquête sobre a procedência dos visitantes no Memorial reforça a afirmativa. Todos os presentes contatados eram, na maioria, turistas em Brasília. A mato-grossense Inelve Cella, 30 anos, por exemplo, mostrou-se surpresa com o pouco interesse da população da cidade pelo Memorial.